

**INTRODUÇÃO DO LIVRO THE MIDDLE GROUND INDIANS, EMPIRES, AND  
REPUBLICS IN THE GREAT LAKES REGION, 1650–1815**

Richard White

Tradução: Leandro Goya Fontella

Revisão: Mairon Melo Machado

Como citar este artigo:

WHITE, Richard. Introdução do livro The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.35, p. 292-301, Jan-Jun. 2021.

Recebido em: 20/05/2020

Aprovado em: 22/05/2020

Publicado em: 25/06/2021

ISSN 2316 8412

## Introdução do livro *The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815*<sup>a</sup>.

Richard White<sup>b</sup>

Tradução: Leandro Goya Fontella<sup>c</sup>

Revisão: Mairon Melo Machado<sup>d</sup>

### Resumo:

Neste breve texto, apresentam-se as ideias centrais que percorrem todo o exame realizado no livro *The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815*. A saber, os elementos básicos que constituem a análise desenvolvida no referido livro são: acomodação de diferenças simbólicas, rejeição da conceito convencional de aculturação, processos de mal-entendidos criativos que geram novas convenções socioculturais, dependência mútua, frágil equilíbrio de forças entre os grupos sociais em interação, condição de fronteira (geográfica e cultural), foco nas ações dos povos indígenas e suas lógicas específicas, perspectiva relacional do contato colonial entre sociedades nativas e euro-americanas, abordagem do imperialismo colonial europeu e negação de essencialismos. Tais diretrizes analíticas são empregadas para analisar a natureza das relações entre impérios e sociedades pré-estatais e as possibilidades de compreensão e acomodação intercultural.

### Palavras-Chave:

*middle ground*; história indígena; interações coloniais; entendimento e acomodação interculturais.

### Abstract:

In this brief text, we present the central ideas that run through the entire examination carried out in the book *The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815*. Namely, the basic elements that constitute the analysis developed in that book are: accommodation of symbolic differences, rejection of the conventional concept of acculturation, processes of creative misunderstandings that generate new sociocultural conventions, mutual dependence, fragile balance of forces between groups social interaction, border condition (geographical and cultural), focus on the actions of indigenous peoples and their specific logic, relational perspective of colonial contact between native and Euro-American societies, approach to European colonial imperialism and denial of essentialisms. Such analytical guidelines are used to analyze the nature of the relationship between empires and pre-state societies and the possibilities for intercultural understanding and accommodation.

### Keywords:

*middle ground*; indigenous history; colonial interactions; intercultural understanding and accommodation.

<sup>a</sup> Nota do tradutor: introdução do livro *The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815* (2<sup>a</sup> ed. New York (NY): Cambridge University Press, 2011). Traduzi o texto da edição comemorativa do vigésimo aniversário da primeira edição, a qual se deu em 1991.

<sup>b</sup> Professor emérito de História Americana, Cadeira Margaret Byrne, Universidade de Stanford, Califórnia – EUA.

<sup>c</sup> Professor do Instituto Federal Farroupilha (IFFar/RS), doutor em História Social (UFRJ), pesquisador do Instituto Federal Farroupilha (IFFar/RS).

<sup>d</sup> Professor do Instituto Federal Farroupilha (IFFar/RS), doutor em Física (UFRGS), pesquisador do Instituto Federal Farroupilha (IFFar/RS).

As Histórias de contato e mudança cultural têm sido estruturadas por uma dicotomia generalizada: absorção pelo outro ou resistência ao outro. Um medo da identidade perdida, um tabu puritano na mistura de crenças e corpos, paira sobre o processo. No entanto, e se a identidade for concebida não como [um] limite a ser mantido, mas como um nexo de relações e transações que envolvem ativamente um sujeito? A história ou as histórias de interação devem ser mais complexas, menos lineares e teleológicas.

James Clifford, *The Predicament of Culture*<sup>1</sup>...

A história das relações índio-branco não tem normalmente produzido histórias complexas. Os índios são a rocha, os povos europeus são o mar, e a história parece uma tempestade constante. Existiram apenas dois resultados: o mar desgasta e dissolve a rocha; ou o mar erode a rocha, mas não pode finalmente absorver seu remanescente agredido, que perdura. O primeiro resultado produz histórias de conquista e assimilação; o segundo produz histórias de persistência cultural. Os contadores de tais histórias não mentem. Alguns grupos indígenas desapareceram; outros persistiram. Mas os contadores de tais histórias perdem um largo processo e uma verdade mais abrangente. O encontro de mar e continente, assim como o encontro de brancos e indígenas, cria tal como destrói. O contato não foi uma batalha de forças primitivas em que apenas um poderia sobreviver. Algo novo poderia aparecer.

Como muitos estudiosos observaram, o mito americano, em certo sentido, reteve as possibilidades mais amplas que os historiadores negaram à história americana. Os mitos descreveram o contato como um processo de criação e invenção. Com Daniel Boone e seus sucessores, surgiu um “homem novo”, criado pelo encontro de brancos e índios, produto da violenta absorção dos índios pelos brancos. O mito, entretanto, transcendeu apenas parcialmente as histórias de conquista e resistência. Apenas os brancos mudaram. Os índios desapareceram. Os brancos conquistaram os índios e fizeram deles um sacrifício no que Richard Slotkin chamou de “regeneração através da violência”.

A história contada neste livro afasta-se dessas histórias mais simples e incorpora-as em uma narrativa mais complexa e menos linear. O livro é sobre uma busca por acomodação e significado comum. É quase circular em forma. Ele conta como os europeus e os índios se encontraram e se consideraram estranhos, como outros, como virtualmente não-humanos. Ele conta como, nos dois séculos seguintes, eles construíram um mundo comum e mutuamente compreensível na região em torno dos Grandes Lagos, que os franceses chamavam de *pays d'en haut*<sup>2</sup>. Este mundo não era um Éden e não deveria ser romantizado. De fato, este poderia ser um lugar violento e às vezes horripilante. Mas neste mundo, os mundos mais antigos dos algonquinos e de vários europeus se sobrepuseram e sua mistura criou novos sistemas de significado e de troca. Mas, finalmente, a narrativa fala do colapso da acomodação e dos significados comuns e da recriação dos índios como estranhos, exóticos e outros.

<sup>1</sup> Nota do tradutor: Clifford (1988, p. 344); no original, White não especifica a página.

<sup>2</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*; optei por manter a expressão em francês tal como o autor utiliza; portanto, o grifo que acompanha este termo ao longo do texto, exceto em caso de expressa referência em contrário, é do autor. Mais abaixo é apresentado qual era o espaço territorial sob a denominação de *pays d'en haut*.

Nesta história, a acomodação de que falo não é aculturação sob um novo nome. Como comumente usado, *aculturação*<sup>3</sup> descreve um processo no qual um grupo se torna mais parecido com outro, tomando emprestado traços culturais discretos. A aculturação ocorre sob condições em que um grupo dominante é amplamente capaz de ditar o comportamento correto a um grupo subordinado. O processo de acomodação descrito neste livro certamente envolve mudança cultural, mas ocorre no que chamo de *middle ground*<sup>4</sup>. O *middle ground* é o local entre: entre culturas, povos e entre impérios e o mundo não-estatal das aldeias. É um lugar onde muitos dos sujeitos norte-americanos e aliados dos impérios viviam. É a área entre o primeiro plano histórico da invasão e ocupação europeia e o segundo plano da derrota e do recuo indígenas.

No *middle ground*, diversos povos ajustam suas diferenças através do que equivale a um processo de criativos, e de muitas vezes convenientes, mal-entendidos. As pessoas tentam convencer outras pessoas que são diferentes de si mesmas, apelando para o que consideram serem os valores e práticas dessas outras. Eles frequentemente interpretam mal e distorcem tanto os valores quanto as práticas daqueles com quem lidam, mas a partir desses mal-entendidos surgem novos significados e através deles novas práticas - os significados e práticas compartilhados do *middle ground*.

Essa acomodação ocorreu porque, por longos períodos de tempo, em vastos espaços do mundo colonial, os brancos não podiam impor-se aos índios e nem ignorá-los. Os brancos precisavam dos índios como aliados, parceiros em trocas, como parceiros sexuais, como vizinhos amistosos. Os processos do *middle ground* não se limitaram aos grupos em discussão aqui. De fato, um *middle ground*, sem dúvida, começou entre os iroqueses e os hurons durante um período anterior ao que este livro examina. O *middle ground* não era simplesmente um fenômeno do *pays d'en haut*, mas essa acomodação mútua teve uma existência longa e plena lá. O *pays d'en haut*, ou *upper country*<sup>5</sup>, era a terra rio<sup>6</sup> acima de Montreal, mas, falando estritamente, não começava até o ponto onde os viajantes passavam para além de Huronia, na costa leste do Lago Huron. O *pays d'en haut* incluía as terras ao redor do lago Erie, mas não aquelas próximas ao sul do lago Ontário, que estavam na Iroquoia. Compreendia todos os Grandes Lagos e se estendia para além deles até o Mississippi.

<sup>3</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*.

<sup>4</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Segundo o próprio Richard White, “porque o *middle ground* é uma metáfora espacial, o termo tem permitido uma confusão entre o processo de convenientes e criativos mal-entendidos e o espaço real que eu estava discutindo: o *pays d'en haut* ou o país superior do Canadá francês” (WHITE, 2011 [1991], p. XII, grifo do autor). Conforme argumenta Artur Lima de Avila, devido a esta ambivalência, “o termo ‘*middle ground*’ é de difícil tradução, na medida em que aponta tanto para uma espacialidade, ‘o território intermediário’, quanto para uma condição mais geral, ‘o meio-termo’ entre partes conflitantes. [...] White parece tê-lo usado-o em ambos os sentidos, [...]” (2010, p. 176 [nota 479], grifo do autor). Em razão da expressão *middle ground* ser de difícil tradução literal para qualquer outro idioma no sentido definido por White, em estudo recente, ao operar com o arcabouço conceitual do *middle ground*, propus o termo *cultura de contato* como seu correspondente, ver Leandro Goya Fontella (2020). Em virtude do exposto, preferi não realizar a tradução literal dela. Desse modo, salvo em caso de expressa indicação ao contrário, o grifo que acompanha esta expressão no decorrer do texto é de responsabilidade do tradutor.

<sup>5</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Escolhi conservar o termo em inglês *upper country*, país superior em língua portuguesa; logo, afora em circunstância de expressa manifestação em contrário, o grifo que acompanha esta expressão na sequência do texto é de responsabilidade do tradutor.

<sup>6</sup> Nota do tradutor: trata-se do rio São Lourenço – em inglês *Saint Lawrence* ou em francês *Saint-Laurent* –, que nasce no rio Ontário e corre em sentido nordeste passando por Montreal e segue na mesma direção até desaguar no oceano Atlântico.

No século XVII, o *pays d'en haut* incluía as terras que margeiam os rios que fluem para o norte dos Grandes Lagos e as terras ao sul dos lagos até o Ohio. À medida que o comércio de peles francês se expandia, o *pays d'en haut* expandia-se com ele, mas, no contexto deste livro, o *pays d'en haut* mantém suas fronteiras originais.

Eu tenho, com alguma relutância, referido os povos que viviam dentro do *pays d'en haut* como Algonquinos. O termo é reconhecidamente problemático. *Algonquino*<sup>7</sup> refere-se a um grupo de línguas, cujo o domínio dos falantes se estendia muito além do *pays d'en haut*. E nem todos os povos do *pays d'en haut* eram falantes algonquino. Os Huron-Petuns eram Iroqueses como, mais tarde, eram as ramificações dos Iroqueses - os Mingos. Os Winnebagos eram Siouan. No entanto, tomei o termo como um nome coletivo para os habitantes do *pays d'en haut* porque os falantes algonquino eram o grupo dominante e, porque com o ataque dos Iroqueses, os algonquinos forjaram um senso coletivo de si mesmos como pessoas distintas, e opostas, das Cinco Nações, ou dos próprios Iroqueses. A maioria desses aldeões do *pays d'en haut*, e frequentemente todos, também eram inimigos dos Sioux e dos povos do sul de Ohio. Uma coleção de grupos individualmente fracos desses aldeões - originalmente refugiados - criaram uma identidade comum como filhos de Onontio, isto é, do governador francês. Eu impus o nome “Algonquino” neles para distingui-los dos outros filhos de Onontio, com quem eles frequentemente tiveram pouco contato.

Ao escrever esta história do *pays d'en haut*, estou praticando a “*new Indian History*”<sup>8</sup>. Mas à medida que as novas histórias envelhecem, elas se tornam, em parte, novas ortodoxias, enquanto sub-repticiamente assumem elementos da história mais antiga que elas procuraram deslocar. Este livro é “*new Indian History*” porque coloca os povos indígenas no centro da cena e procura entender as razões de suas ações. É apenas incidentalmente um estudo sobre a base da “*old history*”<sup>9</sup> - política branca para os índios. Mas este livro é também, e na verdade primariamente, um estudo das relações índio-branco, pois descobri que nenhuma distinção nítida entre os mundos indígenas e branco poderia ser traçada. Diferentes povos, com certeza, permaneciam identificáveis, mas se misturavam uns aos outros.

---

<sup>7</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*.

<sup>8</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Decidi manter o termo em inglês *new Indian History* por se tratar da denominação do movimento historiográfico de redimensionamento da História Indígena nos Estados Unidos da América (doravante, EUA); assim, exceto em situação de expressa indicação em contrário, o grifo que acompanha esta expressão na sequência do texto é de responsabilidade do tradutor. A *new Indian History* surgiu a partir dos movimentos sociais indígenas na década de 1960 como, por exemplo, o Movimento do Índio Americano e o *Red Power*, que, inspirados pelo sucesso do Movimento pelos Direitos Civis dos afro-americanos, buscavam lutar pelos direitos civis dos indígenas. Esta vertente historiográfica se opôs à historiografia tradicional buscando colocar em evidência a agência das sociedades indígenas e seus sujeitos. Os índios passaram a ser situados como agentes ativos do processo histórico e suas ações interpretadas a partir de suas próprias lógicas culturais. Entre outras coisas, a *new Indian History* atingiu seu objetivo de inserir os nativos à história dos EUA, nos anos 1970 e 1980 um significativo número de monografias foram produzidas formando/seguindo as diretrizes dessa corrente historiográfica. A *new Indian History* contribuiu para democratizar a escrita da história dos EUA, introduzindo novos atores, abordagens e metodologias, especialmente, a etno-história, a qual emergiu com o profícuo diálogo entre História e Antropologia (AVILA, 2010).

<sup>9</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Decidi manter o termo em inglês *old history* por se tratar da forma como os estudiosos ligados à *new Indian History* se referiam ao paradigma historiográfico sobre a História dos EUA que buscavam refutar; deste modo, afora em caso de expressa indicação em contrário, o grifo que acompanha esta expressão na sequência do texto é de responsabilidade do tradutor.

Para os propósitos deste livro, muitas das convenções tanto da *new history*<sup>10</sup> quanto da *old*<sup>11</sup> são de utilidade duvidosa para a compreensão do mundo que procuro explicar. Eu estou, por exemplo, descrevendo o imperialismo, e estou descrevendo aspectos de um sistema mundial. Mas este é um imperialismo que enfraquece em sua periferia. No centro estão as mãos sob alavancas de poder, mas os cabos, em certo sentido, têm sido muito desgastados ou até cortados. É um sistema mundial no qual agentes menores, aliados e até mesmo sujeitos da periferia frequentemente guiam o curso dos impérios. Este é um imperialismo ímpar e um sistema mundial complicado. Similarmente, os escritos europeus do período sobre os índios - as infinitas dissertações sobre o *sauvage*<sup>12</sup> (selvagem) - tornam-se de utilidade marginal para a compreensão de um mundo onde os europeus vivendo ao lado das pressões dos índios desenvolveram um conhecimento muito mais íntimo e sofisticado dos povos indígenas do que os sábios europeus. O que Rousseau achava dos índios é importante, mas, para entender o *pays d'en haut*, não importa tanto quanto o que os habitantes de Vincennes ou Kaskaskia pensavam, ou o que Onontio, o governador francês de Quebec, pensava.

As convenções usuais de escrever sobre os índios eram tão inúteis quanto ideias não modificadas sobre o imperialismo, os sistemas do mundo ou a selvageria. Etnohistoriadores têm cada vez mais desconfiado da tribo como uma unidade histórica significativa, e o *pays d'en haut* certamente não era um lugar onde as lealdades tribais controlavam as ações humanas. Eu usei designações tribais ao longo deste livro, mas elas devem ser entendidas, em grande parte, como designações étnicas, e não políticas, ou mesmo culturais. A unidade política significativa neste estudo é a aldeia, e as aldeias indígenas geralmente continham membros de várias tribos, assim como as aldeias anglo-americanas no interior geralmente continham membros de vários grupos étnicos diferentes.

Eu também tentei evitar a técnica etno-histórica do *upstreaming*<sup>13</sup>, embora os leitores diligentes, tenho certeza, encontrem lugares onde rendi-me a ela. *Upstreaming* é uma técnica de uso de etnologias dos grupos indígenas atuais ou do século XIX para interpretar as sociedades indígenas do passado. Se os estudos assimilacionistas têm uma tendência intrínseca em relação ao desaparecimento da cultura anterior, então o *upstreaming* tem um viés em direção à continuidade.

Eu tenho similarmente tentado evitar o uso do termo *tradicional*<sup>14</sup> para transmitir qualquer significado meramente antigo. Os povos indígenas que descrevo neste livro não tem essência de indianidade. Eles são povos que por muito tempo combateram resolutamente a tendência europeia de criá-los como o outro. Eles afirmaram uma identidade separada, mas também reivindicaram uma humanidade comum em um mundo compartilhado. Eles perderam a luta para estabelecer essa reivindicação, e este livro é, em parte, a história dessa derrota. Assim como antropólogos e

---

<sup>10</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. O autor refere-se à *new Indian History*.

<sup>11</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. O autor refere-se à *old Indian History*.

<sup>12</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*. Preferi não traduzir a expressão em língua francesa utilizada pelo autor.

<sup>13</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Optei por conservar a expressão em inglês *upstreaming*, por se tratar de termo consagrado na área da etnologia; por isso, salvo em caso de expressa referência em contrário, o grifo que acompanha esta expressão no decorrer do texto é de responsabilidade do tradutor.

<sup>14</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*.

etnólogos passaram a reconhecer como eles, através de suas pesquisas, criam o outro como objeto, é hora de historiadores e etno-historiadores prestarem mais atenção a tais criações no passado e a seus próprios papéis em perpetuá-las e adotá-las.

O mundo do *pays d'en haut*, portanto, não é um mundo tradicional, que tenta manter-se inalterado ou está se erodindo sob a pressão dos brancos. É uma criação conjunta índio-branca. Dentro dele, nomes europeus e anglo-americanos bem conhecidos aparecem: o conde de Frontenac, Jeffrey Amherst, William Johnson, Daniel Boone, George Washington, Benjamin Franklin e Thomas Jefferson. Do mesmo modo, também, nomes indígenas bem conhecidos, como Pontiac e Tecumseh. O fato de tantos nomes significativos na ampla história americana ocorrerem nesta narrativa sem dominá-la indica que os parâmetros da história americana precisam ser reajustados. Historiadores coloniais e dos americanos primitivos tornaram os índios marginais aos períodos que descrevem. Eles têm os tratado como curiosidades em um mundo que os indígenas também ajudaram a criar.

Este foi um mundo criado em meio a grandes e profundas mudanças. Para os leitores, pode parecer um mundo em perpétua crise, mas isso é parcialmente um artefato do modo como conto a história e da natureza dos registros. Eu abro com o ataque dos iroqueses, que podem aparecer inicialmente como um *deus ex machina*. As guerras dos próprios iroqueses, ou das Cinco (mais tarde Seis) Nações, foram, no entanto, resultado de mudanças tão complicadas quanto qualquer outra que apresento aqui. O leitor não deve confundir a guerra deles com a guerra indígena “normal” na América do Norte. Ao dedicar uma parte fundamental da primeira parte do livro aos Fox e ao focar uma parte central do livro no confronto ao longo do Ohio, enfatizo as principais crises da aliança. Essa tática é necessária porque, nas crises, as relações entre esses povos surgiram mais claramente e também porque as crises geraram a maior parte dos registros. Deve ser lembrado, no entanto, que durante a maior parte do tempo entre 1680 e 1763, a grande maioria dos algonquinos permaneceu como filhos leais de Onontio.

A crise real e a dissolução final deste mundo vieram quando os índios deixaram de ter o poder de forçar os brancos para o *middle ground*. Então, o desejo dos brancos de ditar os termos de acomodação pôde ser *imposto unilateralmente*<sup>15</sup>. Como consequência, o *middle ground* ruiu. A República Americana conseguiu fazer o que os impérios francês e inglês não puderam fazer. Os americanos inventaram os índios e forçaram os índios a viver com as consequências dessa invenção. É o sucesso dos americanos que dá ao livro sua circularidade. Os europeus encontraram o outro, inventaram um duradouro e significativo mundo comum, mas no final reinventaram o índio como outro. Desde então, temos visto a história do período colonial e do início do período republicano através desse prisma da alteridade.

Eu não teria empreendido a pesquisa para este livro, e a sua escrita, se tivesse reconhecido a quantidade de trabalho que envolveria. Na verdade, este volume, que eu imaginava originalmente

---

<sup>15</sup> Nota do tradutor: grifo do tradutor. Preferi traduzir a expressão em inglês *given its head* (dado por sua cabeça) por *imposto unilateralmente* por considerar mais adequado no contexto da sentença.

centrado em Tecumseh, tornou-se um *Tristram Shandy*<sup>16</sup> da história indígena. Termina com o que uma vez era para ser o seu começo. Tecumseh se torna o produto de uma história mais antiga, não o criador de uma nova.

O livro é o resultado de extensa pesquisa em arquivos franceses, canadenses, britânicos e americanos. Eu decidi usar a fonte mais acessível sempre que possível, citando o resultado de meus trabalhos em notas de rodapé. Por isso, cito os documentos publicados quando estão disponíveis e documentos manuscritos apenas quando não há uma versão publicada confiável. Quando uma tradução parece inconfiável ou incompleta, digo isso em nota de rodapé e uso o documento manuscrito.

Devido ter encontrado tanto a ponto de me surpreender e ter minha perspectiva sobre o período transformada conforme a pesquisa para este livro prosseguia, eu tenho, com uma pequena exceção, me abstinido de publicar algo deste material em uma forma anterior por medo de ter que repudiá-lo mais tarde. No entanto, apresentei partes desta pesquisa como artigos em vários fóruns da *University of Chicago*<sup>17</sup>, da *University of Arizona*, da *Michigan State University*, da *University of Utah*, da *University of California em San Diego*, e do *D'Arcy McNickle Center of Newberry Library*. Eu gostaria de agradecer a todos que leram tudo ou partes do manuscrito. Primeiro, é claro, estão os editores da série em que este volume aparece, Fred Hoxie e Neal Salisbury, e Frank Smith, da *Cambridge University Press*, mas também Bill Cronon, James Clifton - que, felizmente, demoliu algumas de minhas iniciais formulações - Marty Zanger, Ramon Gutierrez, Pat Albers e Beverly Purrington. Também gostaria de agradecer a Dean Anderson, cuja excelente dissertação na *Michigan State University*, felizmente, coincidiu com o meu próprio exame do comércio de peles. O trabalho de Dean sobre o intercâmbio material envolvido no comércio é muito mais detalhado e abrangente do que as pequenas partes que citei aqui, e os leitores interessados devem consultar sua dissertação. O *Atlas of Great Lakes Indian History*<sup>18</sup> de Helen Tanner, serviu de base para os mapas deste livro, e eu tenho para com ela uma dívida acadêmica.

Eu também gostaria de agradecer pela assistência financeira a *Rockefeller Foundation*, a *Guggenheim Foundation*, e a *University of Utah*, onde eu ensinava na maior parte do tempo enquanto este livro estava sendo preparado. As fundações *Rockefeller* e *Guggenheim*, em particular, foram generosas e pacientes, e sou grato pela ajuda delas. Em Utah, Larry Gerlach, que presidiu o Departamento de História, tornou o departamento um lugar agradável e estimulante para se trabalhar. Essa é uma conquista que somente aqueles que tiveram experiência com a administração superior da *University of Utah* e as restrições à educação em Utah podem apreciar.

---

<sup>16</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*. *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman* (A vida e opiniões do cavalheiro Tristram Shandy) é um romance escrito por Laurence Sterne na segunda metade do século XVIII. Ver: Laurence Sterne (1998).

<sup>17</sup> Nota do tradutor: *grifo do tradutor*. Decidi não traduzir os nomes das universidades, portanto, o grifo que acompanha a denominação de todas as instituições é de responsabilidade do tradutor. O mesmo vale para a grafia das localidades.

<sup>18</sup> Nota do tradutor: *grifo do autor*.



Tradução: Leandro Goya Fontella (IFFar).

Revisão: Mairon Melo Machado (IFFar).

Reproduzido com permissão do Licenciante através do PLSclear. Termo de licença PLSclear Ref. nº. 9712, data da licença: 05 de novembro de 2019.

© *Cambridge University Press* 1991, 2011.

*The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815* (New York (NY), 2ª ed. *Cambridge University Press*, 2011) de autoria de Richard White está protegida por direitos autorais. Sujeita à exceção estatutária e às disposições de acordos de licenciamento coletivo relevantes, nenhuma reprodução de nenhuma parte poderá ocorrer sem a permissão por escrito da *Cambridge University Press*.

## REFERÊNCIAS UTILIZADAS PELO TRADUTOR

- AVILA, A. L. de. *Território contestado: a reescrita da história do oeste norte-americano : c.1985-c.1995*. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2010.
- AVILA, A. L. de. Rememorando os Filhos de Onontio: Richard White, The Middle Ground e a escrita da história da América do Norte colonial. *História (São Paulo)*, jun. 2011. v. 30, n. 1, p. 264–286.
- CLIFFORD, J. A. *The Predicament of Culture: twentieth-century ethnography, literature and art*, London: Harvard University Press, 1988.
- FONTELLA, L. G. *As Missões Guaraníticas num contexto de Cultura de Contato: uma interpretação sobre as interações entre sociedades indígenas e euro-americanas (c.1730-c.1830)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2020.
- STERNE, L. *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*. Trad. e notas José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WHITE, Richard. *The Middle Ground Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650–1815*. 2ª ed. New York (NY): Cambridge University Press, 2011.